


CORTESIA

fatos e fotos

BRASILIA, 17 DE OUTUBRO DE 1964 • ANO VIII • Nº 402 • NºS 120

O BRASIL NA GUERRA DO FESTIVAL

**ESPECIAL: A NOVA
AMEACA DA CHINA**



No momento em que o protesto do público contra o primeiro lugar conquistado por Sibiá, dominava o Maracanãzinho, Geraldo Vandré pediu silêncio. Ele era o segundo colocado, o público havia gostado da sua música, mas as vaías não cessaram. "Gente, olha, vocês devem respeitar a música do Chico e do Tom, pois assim vocês estarão me respeitando", foi o pedido que Vandré fez ao microfone e ninguém respeitou. "Olha, gente", continuou o cantor, "a vida não é só festival." Em seguida, debruçou-se sobre o violão e começou a cantar *Caminhão*. Aplausos e assobios acompanharam o seu número até o final, aumentando quando Cynara e Cybele vieram interpretar novamente *Sibiá*, a campeã rejeitada pelo público. Estava encerrada a parte nacional do III Festival da Canção, sob o protesto de uma imensa plateia que, de qualquer maneira, ajudou a torná-lo, mais uma vez, um sucesso.

Reportagem de ELORES

O PÚBLICO
PROTESTA
QUANDO
CANTA
O SABIÁ

**Nos bastidores, um continuo
assoviava Caminhando e previa:
"Seu Vandré, essa vai vingar."**



De calça Lee e camisa esportiva, ao contrário dos outros participantes, que vestiam smoking, Gerardo Vandré foi um dos mais primeiros concorrentes a chegar ao Maranhãozinho. Falavam ainda 15 minutos para que as luzes do palco fossem acesas, mas, do lado de fora da cêrca que separava a platéia dos artistas, um grupo de músicos gritava pelo seu nome. Vandré estava imenso, embora aquela fosse o último festival de sua carreira de cantor e compositor. Ao chegar ao camarim, afinou o violão, refletiu para um canto próximo ao chuveiro, onde um continuo tomava banho e assoviava Caminhando. Vandré pensou de ficar, sentiu para o crítico logo ensaboado, que comentou: "Seu Vandré, eu acho que esta vai vingar. Pouco depois, seu amigo e colega no Festival de São, Sérgio Ricardo, apareceu e os dois foram conversar boazinho, no balcão do café. Sérgio falou em enriquecer e ao ser chamado pelo alto-falante, deu um tapinha no ombro de Vandré e disse, quase em tom de advertência: "Então, está tudo de pé, combinado?". O recuava de Sérgio Ricardo é, segundo Vandré, "um troço em que um grupo de compositores pensa reunir uma mesma tendência musical". Em outras palavras: uma guerra ao tropicalismo, um retorno às fontes genuínas da música popular. Quando Vandré entrou no palco, o barulho que se ouvia nos bastidores parecia vaiar. Tuca quis saber o que estava acontecendo e Taigara acalmou-a: "É aplauso pra tuum, Tuca. O público nem está deixando de cantar". Ao sair do palco, Vandré estava meio aéreo, parecia não ouvir o que seus companheiros diziam, não via. Tirou algumas fotos, obedecendo maquinalmente às ordens dos fotógrafos, e foi para o camarim. Lavou o rosto, tirou um gole do martini de Jamelão e, na saída, encontrou-se com o empresário Marcos Lázaro. Os dois abraçaram-se longamente. "Estou chegando de São Paulo", disse Marcos, "onde todo mundo só fala na sua música. Ela devia vencer".

— Que coisa chata. Sempre que a gente faz uma coisa desastrosa, tem gente que fica achando ruim. Desde que ganhei o festival da Bulgária com um música sobre Che Guevara todos ficaram de olho em mim.

Mas, a esta altura, o juri já estava reunido para o veredicto final. Depois, vieram os resultados. Ao voltar ao palco, Vandré sentiu a falta do violão. Seus amigos saíram correndo e um deles conseguiu encontrar o instrumento dentro de uma caixa. "Não foi desta vez", disse o amigo, "mas eu acho que esta contração vale mais do que os 25 milhões de prêmio: Era Dori Caymmi". "Eu penso o que o povo pensa", respondeu Vandré. "Nada tenho contra a música do Tom e acho que a via não foi para ele e Chico. Eles merecem o meu respeito e a minha admiração." Empurrado pelas filas, os olhos vermelhos, Vandré entrou em seu carro, mas quase não pôde sair. As luzes pediram que ele subisse na capota para cantar. Um policial interveio mas o cantor ponderou: "Calma. Eles querem que eu cante para mostrar que não concordaram com o juri."

Vandré e sua canção, Caminhando, agradaram as público, que, insatisfeito com a vitória de Sabá, não o deixou cantar. Ele pediu calma à platéia e, muito emocionado, acabou chorando no ombro da atriz Marisa Orfan.



Nos bastidores, Vandré festeja o segundo lugar (centro) e lamenta as vozes contra o juri, Tom Jobim e Chico, confortado por Sílvio Caldas (à esquerda). No palco, o cantor deu seu apelo moral à dupla Cynara e Cybelle (à direita).





Para as vaías, Tom só achou uma razão: "Sabiá não é música para festival"

Trás do palco do Maracanzinho nunca se sabe se o público está aplaudindo ou vaiando. No caso de Tom Jobim, era vaia mesmo. "Sabiá não é música para festival", foi o único desafio do compositor, ao sentir o desapontamento coletivo pela sua vitória na fase nacional do III Festival da Canção. Com as mãos tapando os ouvidos e um sorriso forçado no rosto, ele saiu do palco. A vaia daquela multidão era insuperável, principalmente para quem só conheceu, até hoje, aplausos e ovações. Apenas dois dos sabiás que Cíntia e Cibele cantaram da gaúca, durante a apresentação da música de Tom e Chico Buarque, ainda tentavam encon-

Cíntia e Cibele procuraram dar um ritmo



trar uma saída. Também eles pareciam atormentados com a vaia. Os cabritos de Tom estavam desesperados quando ele chegou aos bastidores, para os cumprimentos, os votos de solidariedade e a longa viagem de volta para sua casa, no Leforte. Quando o locutor chamou-o de volta, Nelson Motta, Dori Cayrol, Cíntia e Cibele e outros concorrentes dele se acercaram carinhosamente. O maestro da bossa nova necessitava da ajuda de seus pupilos. Ao dar os primeiros passos em direção à passarela da direita, o autor de Garôta de Ipanema quase parou. Fêz menção de voltar, mas os amigos vieram em seu socorro, en-

volta a canção de Tom Jobim e Chico Buarque, voltando sabiás de uma gaúca, mas nem assim o público gostou da música e da votação.



urrando-o para o palco, aplaudindo-o freneticamente, pedindo ao público que parasse de vaia. Tom passou as mãos nos cabelos e recuou-os, depois, a partir da tradicional cerimônia de encerramento do festival. Qual o critério adotado para premiar Sabiá? A opinião geral é de que a fama internacional de Tom Jobim falou mais alto. Outros acreditam na hipótese de um agradecimento oficial ao compositor pela divulgação de nossa música no exterior. Mas a explicação mais lógica é a de um jurado: "Sabiá tinha mais chance de ganhar a fase internacional do que as outras." É a opinião do público? Ano pas-

sado, a escolha de Margarita coincidiu com o voto popular, porém, em menos de um mês, depois do festival, era a Carolina de Chico Buarque, a letrada colocada, que ficou gravada na memória do povo. Este fato desconcorreu o júri, que resolveu agir, mais com a sanção do que com critérios políticos. "Estou muito chocado com as vaia", confessou outro jurado. "Esta vaia é política. A maioria dos espectadores do estádio era formada de jovens tidos como participantes, que encontraram na música de Vinícius uma resposta para as suas convicções ideológicas. Mas isso nada tem a ver com a música, não é?" Na ar-

quilibrada do lado direito alguns espectadores mais radicais gritavam: "Tom é vendido", ao mesmo tempo em que o compositor desceu rumo aos bastidores. O vitorioso Jobim parecia perplexo. Nos dias que antecederam a grande noite foi ovacionado por aqui mesmo público. "Muito mais do que um repúdio ao autor de Sabiá e Garôta de Ipanema", disse um jovem cantor. "A vaia representa a exigência do público de que o júri obedea às suas decisões, tomadas no calor das emoções. Creio que, para Tom, foi uma dura e inesperada lição, mas não tenho dúvida de que, daqui a pouco, sua música será um grande sucesso."

**OS MUTANTES DERAM
UM SHOW DE MÚSICA
E SIMPATIA AO
ESTILO DOS JOGRAIS**

"Se tudo é maravilhoso, porque então protestar?" Assim pensam os Mutantes. Eles mudam, mas não protestam. Começaram separados, nos melhores tempos de Roberto Carlos, cada um à frente de um conjunto de rock. Juntos, criaram os Six Sided Rockers, e finalmente os Mutantes. Nem Sérgio (17 anos), nem Rita (20), nem Arnaldo (20) estudaram música mas são bons em qualquer instrumento: violão, bateria, órgão, gaita, flauta doce, baxo. O cacete Sérgio diz que agora está aprendendo violoncelo, e vai introduzi-lo no conjunto. Não há limites para os Mutantes. Como o nome do grupo indica, é preciso mudar sempre. No festival eles apareceram como jograis da Idade Média, com um som diferente: gaita, guitarra, um gravador repetindo "É proibido proibir", e uma inocência contagiante. O público deturou, os

jarados acharam sua música (Carnelante Noturno) muito confusa e eles foram parar em sexto lugar. "Parossem os Beatles", disse um crítico especializado. E com razão.

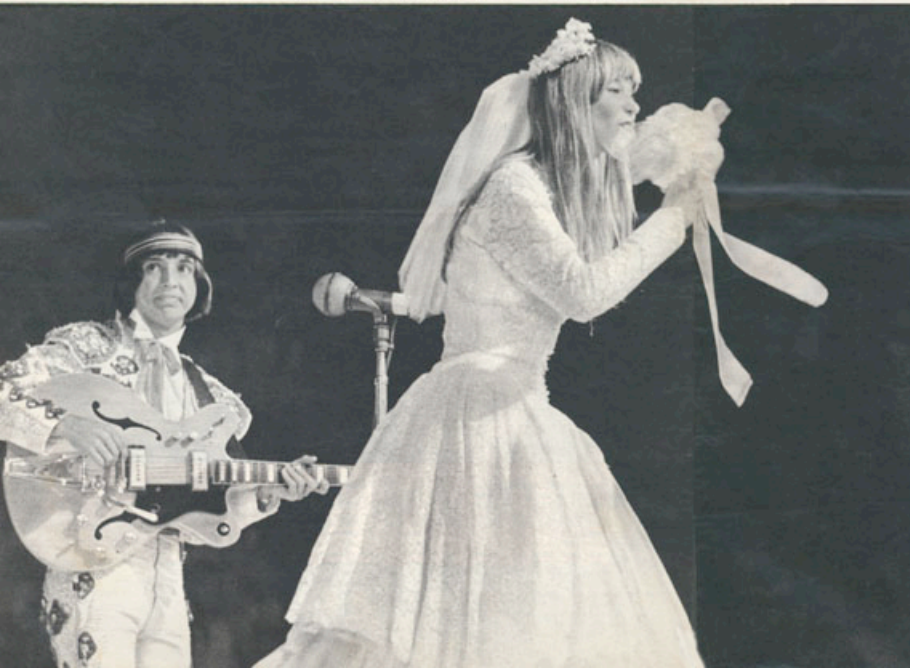
Por detrás da inocência dos Mutantes existe um agudo senso de criatividade digno dos conjuntos musicais mais vanguardistas do momento, entre os quais os Beatles ocupam ainda, o primeiro lugar. Antes de consumir um arranjador, Sérgio, Arnaldo e Rita mesam e remesam a harmonia, trocam os versos e escolhem um complemento visual que melhor se adapte ao número. Para Carnelante Noturno, as rapazes foram de jograis e Rita de noiva. Os primeiros versos da música foram feitos por Arnaldo e Rita, que passaram horas trancados num quarto. A harmonia e o refrão ficaram a cargo de Sérgio. De-



Já na primeira vez, o público vibrou.

pois, o maestro, arranjador e compositor Rogério Duprat, deu o toque final. Foi no ano passado que eles se tornaram conhecidos do público, no Festival da Record, acompanhado Gilberto Gil, em Domingo no Parque. A primeira vez, os críticos não lhes deram atenção. "Não passam de mais um conjunto de id-ids", um deles escreveu. Nada os abateu. As pesquisas de opinião continuaram e, este ano, na eliminatória paulista do Festival Internacional da Canção, eles apresentaram duas concorrentes: Carnelante Noturno e Aletuia. Aletuia, a segunda ficou de fora e a primeira foi desclassificada mas o diretor do festival, Augusto Marzagão, convidou o grupo para participar de decisão, pelo mesmo motivo invocado, em outra ocasião, por Carteiro Veloso: "Vale a pena, a música deles tem qualidade."

Era a grande decisão. Nervosos e apressados, Sérgio, Arnaldo e Rita compareceram aos ensaios com uma preocupação: qual seria a reação do público. Um amigo do grupo manteve-se pessimista até a grande noite: "Olha, pessoal, esse público de festival só gosta de música fácil. Vanguarda, para eles, é tapeação." Mas na grande noite, os aplausos fizeram justiça ao talento, ao charme e à inventiva do conjunto. O sexto lugar era uma coisa secundária. "O público foi maravilhoso", disse Sérgio. "Os aplausos foram maravilhosos", acrescentou Rita. "O festival foi maravilhoso", complementou Arnaldo. Para os Mutantes, tudo é maravilhoso. Eles trabalham juntos, pensam as mesmas coisas, em perfeita harmonia com a invenção, poesia, entusiasmo e alegria de seus músicos.



Sérgio (central) e o capela do grupo. Ele faz os arranjos, a harmonia e o refrão. Arnaldo e Rita (à esquerda) estroem as letras. Os três cantam. Com graça e descontração.

QUEM SE GANHOU COM OS FESTIVALS?

"Venha protestar no Maranhãozinho." O anúncio da televisão dá a tônica do festival. O apelo, vago, tinha uma intenção: garantir os assentos, a participação ativa no festival. Um festival, com todos esses ingredientes estranhos, teria influência sobre o futuro de nossa música popular? Os festivais são importantes para a música brasileira? A opinião geral é que o III Festival Internacional da Canção Popular, na sua parte nacional, não acrescentou grande coisa ao generoso musical brasileiro. As músicas apresentadas são, na sua maioria, rubricamentos das músicas apresentadas anteriormente. O fenômeno é natural. Aduzida, por exemplo, tem influências rítmicas das toadas de Milton Nascimento. Danilo Gatti copia a combinação melódica e harmônica que Milton introduziu e faz mais ainda ao colocar uma pitada de né-ê. Se por acaso fosse apresentada no ano passado, seria recusada e pichada definitivamente como música estrangeira. O mesmo aconteceu a Caetano e Gilberto Gil tiveram apresentados suas músicas de 1967 (com guitarras e Mutantes) um ano antes. Os festivais marcam as evoluções. Servem de ponto de referência para o artista. São, então, a constatação prática de uma pequena técnica.

Todos se lembram do beco quase sem saída em que se encontra a música brasileira antes do surgimento dos festivais. Movimentos surgiram, mas morreram antes de serem ouvidos. Tendências foram se afirmando. Mas ainda: uma rápida olhada nos ídolos e nas músicas de hoje mostra bem a influência dos festivais como defensores de tendências. Chico Buarque nasce para o grande público quando vence, com A Bandeira, um dos festivais de 66. Junto com ele vem a Duperada e atrás dela muitas outras disparadas. Eia Regina, Jair Rodrigues tornaram-se a partir de festivais e, mais que isso, a partir daí impuseram uma nova forma de cantar, de dizer uma música, de comunicar no fio.

A rigor, o processo está em andamento. O III Festival não foi o rompimento, mas de aperfeiçoamento do componente nacional. Segundo Caetano Veloso: "O Maranhão só teve coragem de lançar sua Dança das Russas com o ritmo que Gilberto trazia em si (o chabacanesco) agora. E só agora ele foi aceito." Não se pode esquecer que o Proibido Roubir buscava um caminho não, não foi aceita, mas Caetano tem certeza que no ano que vem muitos é Proibido Roubir terão sua classificação em qual-quer festival. Para Ricardo Sá Filho, um dos jovens músicos do conjunto Monumental, "a música brasileira começa a se divorciar de sua forma de entretenimento. Muitas coisas que não eram aceitas, hoje já fo-

ram até consagradas e desgastadas pelo público. Aço que vem podemos anunciar a morte do sambão pelo sambão." Segundo informações de Ricardo, o próprio Tom sabe que o samba não representará o momento atual da música popular brasileira. Ele mesmo é um dos que buscam o rompimento.

O sucesso de Gerardo Vandrê com Pra Não Dizer que eu Falei de Flores começou com Viola Enfiada, de Marcos e Paulo Sérgio Valle, que foi um dos vários sucessos da entrevista dos festivais. No momento exato, Gerardo Vandrê fala das mesmas coisas.

— Dou muita importância ao texto das minhas músicas. Acho mesmo que não quero fazer uma boa música porque não pode desviar a atenção do público da letra. É uma questão de opção e além do mais não tenho tempo para aprimorar meus poucos conhecimentos de música porque quero aprimorar mais ainda os meus versos.

Por outro lado, o próprio festival dá margem a atitudes estranhas que se tornam regra. Edu Lôbo, após vencer um outro festival com Ponteio, que tem sílabas características de "música de festival", resolve inventar as coisas. Começa a fazer músicas mais lentas, mais trabalhadas, com letras complicadas. Sua intenção é forçar a compreensão do público. Maré Moura, apenas classificada entre as vinte primeiras, dá um exemplo claro. A atitude de Edu está hoje generalizada e pode ser uma das explicações para a não classificação de nomes famosos e reconhecimento para a parte final.

No meio de tudo isso surgem Os Mutantes. Os três jovens paulistas também são pesquisadores. Suas músicas não têm raízes em nada, se é que não pode existir. Cante das Beatles, mas fazem uma música basicamente diferente das coisas. Buscam a forma de fazer suas músicas que são feitas de ouro, passam dias e dias atrás de um som diferente. Não se preocupam com tendências ou movimentos de formas. São aceitos hoje e talvez não sejam mais amanhã. Para sim, pouco importa. Ser aceito, consagrado ou conspurcado, eis a grande preocupação dos compositores brasileiros no momento. A busca do grande público e a sua submissão a ele são pontos limites. Dentro desse esquema gira a música popular brasileira e dentro dela também acontece o festival. Uma análise geral demonstra isso.

Gilberto Gil escreveu há algum tempo a sua Questão de Ordem. Quando chegou a época de apresentação ele já estava em outra, como disse.

— Eu tinha que dar um jeito naquela música "delegar". Removi apresentar a antinômica. Algo que não se parecece a nada. Não fui aceito.



Chico Buarque só nasceu para o público ruim



Marcos Valle tem sorte durante a entrevista.

"Quando fazemos músicas que chocam, temos certeza de que pode acontecer. Mesmo assim, isto é mais válido do que aceitar a catarse de público em cima de nossas composições." Segundo Sérgio Ricardo, "a música popular brasileira começa a se divorciar de sua forma de entretenimento. Ana que vem podemos anunciar a morte do 'sambão pelo sambão'".



festival, com A Bandeira. Gilberto Gil foi feliz apenas uma vez, com Domingo no Parnque.

Para ele, a reação do público paulista não poderia ser outra. "Quando fazemos músicas que chocam, temos certeza de que pode acontecer. Mesmo assim isto é mais válido do que aceitar a catarse do público em cima de nossas composições. Não censuramos o Vandrê por isso, mas o que ele faz é ser a consciência crítica do público durante o tempo em que toca a música. Diz aquilo que o público está com vontade de ouvir, mas não o que ele deve ouvir", afirma Ricardo.

Se pelo lado da música um festival apresenta vantagens e desvantagens, do lado dos promotores a coisa é bastante diferente. O objetivo é o sucesso e ele é alcançado sempre que uma grande massa humana comparece para aplaudir ou voar as músicas. Os festivais, fora isto tudo, também viraram excelentes shows de televisão. É, como qualquer programa de televisão, sem patrocinadores exigentes que fazem questão de seus anúncios nas horas certas. É claro que a fórmula é excelente. Se assim não fosse não haveria, apenas em 1968, tantos e tais festivais como o Estudante, o Universitário, Brasil do Samba, Brasil Canção no Rio, Música Brasileira, Intercolúmbio, etc. Como as notícias, os festivais alcançam bom lucro no ICIORP e é isso, enfim, o sucesso que os promotores almejam.

A quantidade exagerada do festival traz o desgaste. Poucas músicas ganhadoras de festivais ficaram. Quem se lembra de Lapinha, vencedora de Brelart? Qual música venceu o festival Brasil Canção no Rio?

Os festivais também servem para os graduados. Mais músicas, mais discos. Cada uma delas faz o seu próprio festival. Aparece de centenas de dias depois, muda alguns arranjos e coloca o disco à venda. O público compra porque quer conhecer todas as músicas antes de final para poder ir tranqüilo, com a sua preferência já escolhida. A apresentação oficial é muito mais uma demonstração do vortade do público do que a demonstração de quem apresenta. No festival é dado poder de decisão ao público.

No final, algumas evidências: nenhuma novidade surgiu. O tipo Guilhermino Guaraná (última revelação do Milton Nascimento), a morte final do tropicalismo, que segundo Rogério Duprat "nasceu para morrer", a demonstração de que a música brasileira ainda não encontrou o seu rumo, se é que não tem um rumo linear. As verdades não foram admitidas no cortejo deste ano se afirmaram apenas. Para festejar tudo isso e suas manifestações, Gilberto Gil e Caetano Veloso na frente do pedestal, roupas esportivas, músicas antinômicas, a negação da tradicional família musical brasileira. Segundo eles: "Porque não?"

GRANDE JÚRI MUSICAL DE FATOS e FOTOS

- 1) Você entendeu todas as letras da primeira vez? SIM NÃO
- 2) Você tem um tema predileto? SIM NÃO
- 3) Você é a favor das letras de natureza política? SIM NÃO
- 4) Você acha que o amar centenas sendo o grande tema? SIM NÃO
- 5) Você assimila as melodias da primeira vez? SIM NÃO
- 6) Qual a letra que você gravou mais rapidamente? SIM NÃO
- 7) Qual a música que você gravou mais rapidamente? SIM NÃO
- 8) As músicas que você gravou com mais rapidez foram as suas preferidas? SIM NÃO
- 9) Você espera ouvir todas as músicas pelo segunda vez para chegar a uma conclusão? SIM NÃO
- 10) Em que música você votaria, se fosse jurado, para representar o Brasil?

COMO OBTER A NOTA CERTEZA DOS JURADOS

No Maracanzinho lotado, o apresentador do Festival teria ter o resultado final, lencido pelo júri. Mas quase não se consegue ouvir o que ele diz, por causa das vozes de 20 mil pessoas despondidas. Afinal, será que os 15 jurados, escolhidos a dedo entre pessoas que amam de música, não saberem escolher?

O júri do Festival Internacional da Canção conta com nomes como Harry Warren, que o preside, um dos maiores compositores dos EUA, autor de *The Money I See You*, *Chattanooga Choo-Choo*, *Lullaby of Broadway*, e muitas outras, tendo sido o lançador de Carmen Miranda. Deixará principalmente a temas musicais para o cinema. Também dos EUA, vem Eimer Bermanis, compositor e regente, pianista virtuoso, autor da trilha musical de *Positivamente Milão*, *O Homem do Braço de Ouro*, *Sua Honra* e um *Quilino*, entre outros. Representa a França Paul Mauriat, compositor de formação clássica que encontrou no jazz o complemento para a orientação de sua grande orquestra de cordas. Seu grande sucesso é *Lova is Blue*, que ocupou o 1.º lugar na *Parade* americana durante o mesmo tempo. Portugal nos mandou a cantora e jornalista Cidália Meireles, e o México, Raul Velasco, diretor de seu principal jornal. Géo Voumard, compositor de vários trechos de jazz, de música ligera, de músicas para filmes, das operetas e mais de trezentas canções, é o jurado chileno. O Chile comprou com seu mais popular compositor, decano de festivais em sua terra, Jaime Atria. Um nome que dispensa apresentações é Les Reed, da Inglaterra. Autor de mais de 800 canções, tem colôcido pelo menos uma de suas produções nas paradas anuais de sucesso, num período de seis anos. Exemplo de seus incantáveis sucessos é *There's a Kind of Heat*. O diretor de rádio televisivo, compositor e pianista (aos nove anos já dava concertos) A. C. Weiland, é o alemão do júri. Também diretor de jazz, é Jorge Arandés, da Espanha. Da Argentina chegou Jacko Zeller, compositor de música popular moderna, assim como a jurada legendada, Spela Rozin. Completam a lista Gian Piero Bonessi, da Itália, Helena Yandrakova, da Tchecoslováquia, e, pelo Brasil, Elis Regina.

Géo Voumard: "Este ano o protesto não vai ter vez."

é muito difícil fazer uma música que agrade ao público e aos jurados. Isto porque, estas levam em consideração uma coisa não interessante ao espectador do Maracanzinho. Por exemplo, músicas de protesto dificilmente ganharão um festival.

porque, diz Géo Voumard, festival não é lugar para protestos. Jacko Zeller completa dizendo que se o júri quer ter chances internacionais, não deve apresentar este tipo de canções, pois internacionalmente a linguagem do protesto não é a mesma, perde o color. Elis acha importante saber se a música é "apelaia". Por isso não acabou participar do júri nacional: "É difícil julgar colegas." Contudo, alguns jurados talvez votem em músicas de protesto, dependendo da qualidade. Neste caso estão Spela Rozin, Cidália Meireles e Velasco. Portanto, seria bem reduzida a chance da favorita brasileira Camisãndu, no Internacional.

Elis: "É preciso comunicar sem cair no populareco."

Além da qualidade da música e da letra, é preciso levar em conta a capacidade de penetração junto ao público, "sem chegar às risas do populareco", diz Elis. Jorge Arandés fala da dificuldade de encontrar uma canção que reúna qualidade e comercialidade. "Se tem os dois valores, é ótimo sucesso, mas normalmente triunfa a canção comercial."

Um festival de canções, em certo sentido, é um mercado de canções e, muitas vezes, a vencedora não é o que faz sucesso. O que terá mais valor, um trêfuo, ou um recorde de vendas? Na maior parte dos votos o primeiro prêmio de um festival não se transforma em hit mundial.

No dia em que se conseguiu isto, terá sido encontrada a fórmula exata. Até agora isto não aconteceu, e Mauriat revela que 9 em 10 votos as previsões de comercialidade falham. Ele considera importante que



Acima, o mexicano Raul Velasco e o chileno



Henry Warren preside o júri internacional.



Cada membro do júri tem uma opinião sobre o sucesso de uma música nos festivais. Uns acham que, às vezes, as grandes orquestras servem para enganar o público. A portuguesa Cidália Meireles diz que a orquestra é como a cabeleira para a púber. O mexicano Raul Velasco acredita que um vitória sóbrio dá mais força a canção. O alemão A. C. Weiland tem uma concepção simples: para ele, "festival é feito e deve ser popular".



Segundo Paul Mauriat, "voto em dez vezes, as previsões de comercialidade falham".

nação da grãfia, e crê que deve ter levada em consideração pelo júri. Disse discordando Cidália, Elis, Bermanis e outros. Embora Arandés frisse que este é um festival de canções e não de interpretações, não resta dúvida que isto influi. Jacko Zeller prefere poucos instrumentos:

"Quando há um acompanhamento muito carregado, a música perde." "Grandes orquestras, às vezes servem para enganar o público", diz Weiland. Cidália prefere instrumentos que enriqueçam a melodia, "não como a cabeleira para uma mulher". Mauriat ficou impressionado com o acompanhamento de Vandrê: todo o Maracanzinho cantando com um só instrumento: "A música adquire mais força se é concentrada somente num violão." Como jornalista, ele dá grande importância ao conteúdo da canção: "É difícil comunicar-se com o público se não há algo dentro da música, de grande humanidade." O tema é de grande importância. Jaime Atria diz que deve levar sempre uma mensagem de paz e de amor. Spela busca uma música que venha do coração, mas Velasco acha mais importante dizer ao povo o que lhe interessa, "do amor já se falou muito". Bermanis lamenta vivermos num mundo em que o protesto é mais importante que o amor.

Alguns acham a música popular moderna muito difícil de ser cantada, mas Jaime Arandés acha que música simples funciona, e fica sem sentido. Spela concorda e acrescenta que este tipo de música leva mais tempo para morrer.

Canções típicas são lindas mas não agradam a todo mundo

As origens da música são de grande importância. O júri inteiro concorda em que música para festival deve ter características internacionais, transparecendo raízes de seu país de origem. Músicas típicas não bastam, mas dificilmente de julgar e têm poucas possibilidades de sucesso mundial. Na opinião de Weiland, um festival é uma feira de canções e, como tal, para ser comercial, deveria ter músicas do tipo internacional "mas", acrescenta, "talvez não é assim". Elis se declara revoltada com a inclusão de uma "música de festival". A música é boa ou não, não há regra definitiva, tudo é relativo. E avisa desde já: "Não vou descobrir meu voto para levar a casa. Sei que entrei numa fria, mas vou até o fim. Como diz o Vinícius, quem quisé tem que rezar." A decisão do júri é uma só, e não digo para ninguém em quem voto. Nem para meu marido, porque é ele o rei de espalhar para todo mundo o que a gente diz."

Carta
Autorização N.º 614
RIO DE JANEIRO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ESTE ENVELOPE

O SELO SERÁ PAGO POR

Bloch Editôres S. A.

RUA FRIE CANECA, 511 — ZC — 14

GUANABARA

A FESTA INTERNACIONAL DA MÚSICA

Françoise Hardy e Antoine, dois representantes da música jovem da França, foram as personalidades internacionais que mais impressionaram o público durante os ensaios no Maracanzinho. Françoise, que os brasileiros já conheciam, confirmou o charme das outras vezes. Antoine, ídolo da juventude 68-69, conseguiu fazer a maior mídia com os cariocas: declarou ser fervoroso torcedor do Flamengo.

Nas 33 delegações que vieram ao Rio, os compositores eram mais famosos do que a maioria dos intérpretes

A ausência mais comentada, desta vez, foi a da delegação russa, que tanto sucesso obteve no festival do ano passado. Vieram 33 delegações, quase todas representadas por intérpretes desconhecidos do grande público, embora entre os compositores seja maior a porcentagem de nomes famosos, como Nelson Riddle (EUA), Elmer Bernstein (autor de dezenas de partituras para o cinema, entre as quais O Homem do Braço de Ouro e Positivamente Milly) e o japonês Hachidō Nakamura (autor de Sayonara). Em 1967, a inglesa mandou George Fame para defender a canção Gina. Desta vez, o cantor não mais deixou as paradas de sucesso. Há meses, ele gravou a Balada de Bonnie and Clyde, novos compromissos surgiram e de inglês não tiveram outra alternativa senão contar a Anita Harris a missão de cantar o fado de Gina. Anita, ex-campêã de poluição, confessa que está nervosa com "a difícil missão de substituir George Fame", mas que "dará o máximo de si mesma".

Dos ringues de patinação, Anita saiu diretamente para o Charley Ballet e para uma tournée pela Itália, por Paris e Las Vegas. Já representou seu país no Festival de San Remo e, depois que se apresentou num show no Gilbert Bécaud, um jornalista a classificou de "a maior sensação musical desde os Beatles".

Da mesma forma que Françoise Hardy, a holandesa Liesbeth List é uma figura conhecida dos cariocas. Mais magra e mais quieta, agora com 27 anos, Liesbeth chegou a cantar em cinco minutos de show, vestindo uma mini-saia bem mais discreta que a do ano passado. A norueguesa Ninni Sparboe, loura de grandes olhos, com o cabelo, tem uma voz quente que contrasta com as suas origens: ela nasceu no norte do Círculo Polar e tem o hábito que conserva desde que começou a fumar: jamais traz consigo fósforo ou isqueiro. Quando alguém lhe perguntou se tinha medo de ser visitada, respondeu: "Não acredito". Realmente, a sua presença física é um desafio a qualquer mau-humor musical da parte do público.

Marlene Besnoud, morena de cabelos prontos enviada por Mônaco, tem 19 anos, foi manequim e diz que sua filosofia de vida é "fazer o que quer, quando quer e onde quer". Nos dias que antecederam à grande noite no Maracanãzinho, porém, ela não saiu do hotel. Para contrariar, o Luxemburgo confiou ao agitado António a incumbência de conquistar com La Vie est Moche o prêmio do festival. Ele fez questão de cantar em português e, a ele se diz lançador do Flamengo. Apelação? "Nada disso", responde, "puro charme".



Madalena Iglesias (à esquerda) representou Portugal, com Forno da Vida, e foi juntamente



com a holandesa Liesbeth List (à direita), uma das presenças femininas mais destacadas durante o período de ensaio do grande festival.

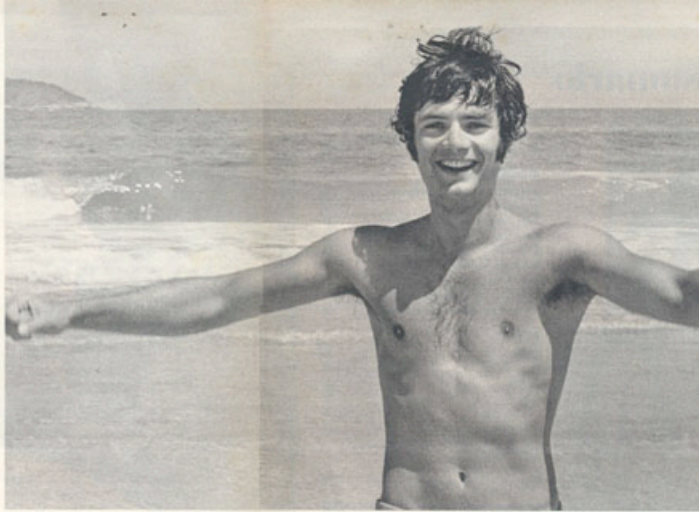


A esquerda, Dany, finlandês ao estilo iê-iê. A direita, Marinella, representante grega de 20 anos.

**Antes de enfrentar o júri,
todos os astros da canção preferiram
viver como os cariocas, na praia**



A inglesa Anita Harris já foi campeã de patinação e quer repetir o sucesso de Cline.



Peter Herfan, autor e intérprete de Ja, trouxa lá

Austria uma coleção de roupas de banho para, segundo disse, "viver bem a verão carioca".



Os Beatles argentinos, Los Gatos, despertaram interesse.

Apesar da ausência do representante da União Soviética, vieram quatro países socialistas: Hungria com a canção *Estamos Sempre Apressados*, Iugoslávia com *Adriana Pođina* com *Um Conto de Fadas e Tchecoslováquia* com a composição *Lady Carnava!*, cujo intérprete, Karel Gott, chegou protestando contra a invasão russa a seu país dizendo que "étnos amarecemos o mundo com a guerra".

A representante da Alemanha é *Alexandra*, uma bonita morena que, de chapéu de palha e um palazzo-pijama colorido, deu um show em frente ao hotel, no dia em que chegou. Veio para defender o primeiro lugar conquistado por seu país no ano passado com a música *Pergunte ao Vento* (*Frag den Wind*), que foi até ênodo de um frevo carioca no carnaval.

O consagrado Udo Jürgens compõe para ela. *Rivado*, uma música "sentimental, romântica, melancólica e com um pouco de tristeza porque eu sou assim. Meu avô era de Veneza e minha avó tcheca". *Alexandra* está com 24 anos. Canta desde os 11. Tem um filho, é divorciada, estudou teatro e ballet, foi sócia de uma empresa de aluguel de automóveis e já trabalhou numa agência de publicidade.

Recusou um ótimo empréstimo como desfilista de móveis e, em apenas seis semanas, aprendeu a dançar o flamengo com os ciganos da Andalucía para poder estreiar no palco de Neumahrer, ponto de partida para seu sucesso atual.

O Peru mandou uma bonita morena de 22 anos, *Patricia Aspillaga*, que só usa roupas brancas. Cabelos negros, longos, ar tranqüilo, sua autoconfiança estava justificada: a música *Puede Mover Melenas* é de autoria da famosa *Chacuca Grande* que, com *Maria Guenier*, no 1 Festival, ficou entre as 10 classificadas e, ano passado, foi membro do júri no 11 Festival Internacional da Canção.

Para defender a composição *Poema da Vida*, veio de Portugal a cantora *Madalena Iglesias*, de 29 anos, que esteve no Brasil em 1968. Cabelos castanhos, sorriso fácil, diz que adora o Brasil, acha que "a mulher portuguesa não está preparada para votar" e que "isso lá na minha terra é assunto só do homem de casa", mas acredita que "no futuro as mulheres também passarão a votar". Durante uma entrevista coletiva um repórter perguntou-lhe se havia ou não liberdade em seu país. Respondeu que "isso não deu ser perguntado a mim, que sou uma cantora e sim na Embaixada de Portugal".